

BIBLIOTECA INFANTIL

AS HISTÓRIAS FANTÁSTICAS DO BARÃO DE MÜNCHHAUSEN

Adaptação
do célebre livro de Bürger

Impresso nas oficinas gráficas da
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
em papel fabricado pela mesma Companhia
em Caieiras. *

808.068
B.254 h

LIVRO 48



Para pedidos telegráficos use o
número 379. Para quantidades vide
chave na 2.^a pág. do nosso catálogo.
Para comprar 50 livros, p/ ex., telegrafe
EY 379.

Editora-Proprietária: COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA) - SÃO PAULO - CAIEIRAS - RIO DE JANEIRO
Secção *Editora* — Direção do Prof. Lourenço Filho



I

Num país do norte da Europa, existiu, há muitos anos, um homem muito imaginoso, e diziam até que mentiroso, por contar histórias esquisitas, que não podiam ter acontecido.

Esse homem fizera muitas viagens, tomara parte em diversas guerras, realizara caçadas incríveis e, por várias vezes, esteve realmente face a face com a morte. Suas histórias deram um livro famoso, e o seu nome ficou ligado ao exagero. Barão de Münchhausen era o título de nobreza que possuía e por esse título se tornou conhecido.

Sempre que se referia às suas aventuras, começava pela seguinte história:

Uma vez, eu viajava pela Letónia. De repente anoiteceu. Era no inverno. A neve cobria a terra, até perder de vista. Não se distinguia de nenhum lado, qualquer povoação. Tudo era deserto e branco em redor. Nem uma casa, nem uma árvore.

Fatigado pela viagem, resolvi repousar. E, para êsse fim, saltei do cavalo, e amarrei as rédeas numa cruz de ferro que aparecia no meio da neve. E como o cansaço era grande e no dia seguinte tinha que continuar a jornada, embrulhei-me no capote e logo adormeci.

Quando acordei, já o sol estava alto. Percebi, com espanto, que me encontrava no pátio de uma igreja, rodeado de uma multidão que olhava, pasmada, para o alto da torre do templo. Olhei também para lá. E qual não foi o meu assombro ao ver que na cruz da torre estava suspenso pelas



rédeas o meu cavalo! Percebi o que se passara. Durante a noite, a neve derreteria. E lentamente, a povoação que estava coberta pelo gelo ficara livre. A neve, derretendo, permitira que pouco a pouco chegasse ao solo. O mesmo, porém, não se verificou com o cavalo, porque êle estava preso à cruz da torre, que era aquela cruz que eu pensava que estava fincada no chão...

Logo percebi o que devia fazer. Tirei minha garrucha do bolso e apontei para as rédeas. Puxei o gatilho. A bala cortou as rédeas e o cavalo caiu no pátio, sem que nada sofresse.

E como na Letónia se costuma viajar de trenó, comprei sem perda de tempo um desses veículos a que atrelei o meu cavalo. E parti em direção a São Petersburgo.

Mas, o perigo me seguia por toda a parte. Ainda bem a povoação não se perdera de vista e já um lobo esfomeado surgia de um bosque, pronto a devorar-me. Ia ser comido! Então, tive uma ideia salvadora. Escondi-me no fundo do trenó e deixei a fera justar contas com o meu cavalo. E passou-se o que realmente esperava. O lobo, esfaimado, atirou-se ao pobre animal, devorando-lhe um quarto traseiro. Depois, comeu-lhe outra perna. E, pouco a pouco, à medida que ia engulindo

o cavalo, entrava nos tirantes. Dessa forma, quando a fera acabou a sua refeição, ocupava o lugar do cavalo. Empunhei, então, o chicote e as rédeas. E obriguei o lobo a conduzir-me até São Petersburgo, onde minha entrada se revestiu de grande curiosidade.

Todos queriam ver a fera puxando o meu trenó e, dessa maneira, me tornei popular.

Horas depois, entrando num restaurante, afim de comer alguma coisa, ali encontrei um homem que tinha diante de si vinte garrafas de aguardente vazias. Tinha bebido tudo aquilo mas não se mostrava embriagado. E continuava a beber, a beber... De repente, percebi o segredo.

A cada instante, o meu vizinho tirava o chapéu e levantava uma tampa que tinha no alto da cabeça. E os vapores do álcool saíam, razão porque êle

não se embriagava. Tratava-se de um guerreiro que perdera, numa batalha, a parte superior da cabeça, e que um médico substituirá por uma chapa de prata... Sempre que os vapores do álcool se acumulavam, êle levantava essa chapa e o álcool saía. Assim não havia meio de ficar embriagado.

Resolvi verificar se não me havia enganado na minha observação. Para isso, que fiz eu? Quando o velho guerreiro tirou o chapéu, risquei um fósforo e cheguei-o aos vapores que lhe saíam do crânio e que logo pegaram fogo. O homem não deu pela minha prova, mas, quando lhe contaram o que eu havia feito, ficou furioso...

E não era para menos.

II

Mas não ficam aí minhas aventuras. Dias depois, indo à caça, aconteceu tropeçar e cair. Batendo com a cabeça numa árvore, notei que se desprendiam de meus olhos um sem número de estrelas. Nesse momento, levantou voo uma perdiz. Apontei logo a espingarda. Quando puxei o gatilho, ouvi apenas: *pac!* O tiro não saía. No tombo, o fulminante caíra, não podendo, portanto, inflamar-se a pólvora. Mas, como o meu olho direito estava inflamado pela pancada na árvore, dei nele um sôco. Brotou logo outra porção de estrelinhas. Uma delas incendiou a pólvora. Seguiu-se o tiro e a perdiz caíu morta.

Quando o meu cachorro pegou a ave



que eu matara, surgiu um urso pela frente. Eu estava com a arma descarregada. E não tinha tempo de botar outro cartucho. Mas peguei no cartucho e joguei-o com toda a força contra a bôca do urso, que o enguliu. Depois, apanhando uma pedra, atirei-a contra o estômago da fera. O cartucho, então, explodiu. O urso ficou despedaçado.

De outra vez, fui caçar codornas. Depois de ter caminhado algumas horas, cheguei a um lugar onde vi um bando enorme. Com muito cuidado amarrei um pedaço de toucinho num barbante e atirei-o para o meio das aves. Logo uma devorou a isca. Mas, como se tratava de toucinho, escorregou logo no estômago e pelo intestino da avezinha. Outra codorna que viu o pedaço, avançou para ele. Repetiu-se o mesmo que com a outra. E dessa forma consegui apanhar doze daquelas avezinhas.

Quando eu voltava para casa, as codornas voltaram a si e levantaram vôo. Como estavam presas • no meu cinto, arrastaram-me com elas. Não perdi o sangue-frio. Deixei-me levantar e com as abas do capote servindo de leme, como se fosse um avião, fui-me orientando, de forma a chegar à casa. Para descer foi simples. Matei, uma. depois de outra as codornas, até chegar são e salvo à terra. Ainda nessa semana, aconteceu que, tendo ido à caça de perdizes, vi sete, pousadas em fila. Uma bala só não daria para matar a todas. Tive, então, uma ideia. Tirei a vareta da espingarda e pus no cano, substituindo a bala. Apontei, depois, a espingarda, com grande cuidado. Quando se desfez a fumaça da pólvora vi as sete perdizes atravessadas pela vareta, muito admiradas de se verem assim, de repente, no espeto...

III

Depois de ter ^fcaçado durante muitos anos, resolvi alistar-me no exército. Segui, como oficial, para o sul da Rússia, onde o país estava em guerra com os turcos. Aconteceu que por certa ocasião, tornou-se necessário verificar o que se passava na fortaleza que estávamos cercando. Ninguém queria aproximar-se, pois o fogo do adversário era terrível. Foi, então, que tive uma ideia salvadora. Cheguei perto de um canhão e, quando êste disparou, saltei sobre a bala e segui em direção à fortaleza, cuja situação, assim do alto, pude logo estudar. Mas a bala ia deixar-me entre os adversários que, de certo, me matariam. Passava um grande susto, quando nesse ins-



tante vi passar perto uma bala da fortaleza que seguia para o nosso acampamento. Pulei com rapidez sobre ela, indo cair, são e salvo, na tenda do meu general, que ficou contentíssimo com as informações que lhe trouxe. Fui promovido a capitão.

No dia seguinte atacámos o inimigo. Para melhor vencermos, mandei meus soldados pelos lados, fazendo muita poeira, enquanto eu, a cavalo, sem ser visto, ia pelo centro. Corno verificasse que alí a defesa era pequena, ataquei em grandes gritos, pondo o inimigo em fuga. Seguí-os sem reparar que os meus soldados tinham ficado muito para trás. E com tal ímpeto entrei na fortaleza que fui sair do outro lado. Notando que o inimigo desaparecera, voltei à fortaleza. Meu cavalo estava com muita sede. Conduzí-o, por isso, para urn tanque que havia próximo. O animal, porém, absor-

veu toda a água de um trago manifestando ainda vontade de beber mais. Olhei, espantado, para trás. Foi quando percebi que, do meu animal, só restava metade... O resto fôra cortado por alguma bala. Fui logo à procura da outra metade do meu cavalo, que encontrei, junto das nossas tropas, pulando. Como se tratava de um animal de estimação, chamei um veterinário para reunir as duas metades do meu nobre cavalo que ficou ligado com ramos de louro. Os ramos, porém, dias depois, criavam raízes e, logo depois, muitas folhas, que me protegeram daí em diante contra o sol.

IV

Nem sempre, porém, tudo corria à medida dos meus desejos. Apesar de minha valentia, da rapidez do meu cavalo e da minha habilidade no manejo



da espada, de uma vez caí prisioneiro em poder dos turcos, com os quais continuávamos em guerra.

Nesse tempo, era costume considerarem escravos os prisioneiros de guerra. E assim, de um dia para outro, eu me vi reduzido a prisioneiro e, o que é mais doloroso, a escravo. Deram-me como ocupação, cuidar das abelhas. E todos os dias, de manhã, tinha que levar a pastar as abelhas pelos campos, regressando à noite, para as guardar nos cortiços. E ai de mim, se perdesse urna só das abelhinhas! Tamanho cuidado tinha, que nada de mal aconteceu. Só uma tarde, ao recolher as abelhas, notei que faltava uma. Pus-me a procurá-la e fui encontrar dois ursos disputando a sua posse para lhe lambem o mel. Não perdi a calma. Usava, então, comigo uma machadinha de prata - - distintivo dos jardineiros do palácio do imperador dos turcos. Num

gesto rápido tirei-a do cinto e arremessei-a contra as feras, que recuaram. A abelha ficou salva. Mas, devido ao grande impulso que recebera, a machadinha perdeu-se no espaço, indo cair na lua...

Tinha que resolver êste problema tremendo: Como ir buscar a machadinha, tão longe?

As ideias nunca me faltaram. Na Turquia, as ervilhas crescem rapidamente e chegam a extraordinária altura. Plantei, sem perda de tempo, um grão de ervilha. Logo surgiu a planta que cresceu tanto, tanto, que alcançou a lua. Agarrei-me logo à rama da ervilha e subí à lua de onde voltei com a machadinha. Mas, ao voltar, com o calor, a ervilha tinha secado. Quando eu já estava perto da terra, cedeu. Caí pesadamente no chão, perdendo os sentidos. Quando abrí os olhos achei-me no fundo de um buraco, que meu cor-

po abriira devido ao choque. Como sair?

A necessidade é a mãe da invenção. A ideia salvadora não demorou. Com as unhas, cavei uma escada, por onde subí.

No dia seguinte, de novo encontrei os ursos. Para os apanhar, untei a lança de um carro com mel e fui-me esconder detrás de um muro. Mal sentiram o cheiro, os ursos avançaram sobre a lança, e um deles, de tão guloso, espetou-se ficando atravessado de um lado a outro. Coloquei na outra extremidade um grande prego e, dessa forma, o animal ficou preso.

Meu patrão, quando soube da proeza, ficou contentíssimo, e foi presenciar de perto a cena cómica do urso atravessado pela lança do carro, sem poder sair porque o prego não o deixava.

Foi essa a minha última proeza em



Constantinopla, capital da Turquia, porque pouco depois os russos fizeram a paz com os turcos e eu fui enviado para São Petersburgo com outros prisioneiros de guerra. Semanas depois deixava também a Rússia. Era no inverno e fazia terrível frio. Não tendo mais o meu cavalo, que perdera na Turquia, fui obrigado a viajar de carro.

— Havia deixado São Petersburgo muito para trás, quando o carro entrou num caminho estreito, por onde só êle poderia passar. Era necessário impedir que outra carruagem entrasse do outro lado. E por isso aconselhei o cocheiro a tocar a corneta. Dessa forma, qualquer outro carro que se aproximasse, esperaria que saíssemos primeiro.

O cocheiro obedeceu. Soprou com força, uma vez, duas vezes, três vezes, dez vezes. Nenhum som se ouviu. De novo o homem soprou na corneta. Na-

da, nenhuma nota. Era incompreensível. O peor, porém, não foi isso. Um carro entrou no caminho, tomando a saída.

Como sou um homem de prontas decisões, desatrolei, sem perda de tempo os cavalos, e carreguei às costas a carruagem, saltando sobre um valado. Depois, fui colocá-la à frente da outra. Voltei ao ponto de partida e peguei os cavalos debaixo do braço, indo colocá-los à frente do carro. Feito isso, atrolei-os de novo e, sem nada que nos impedisse mais o caminho, continuámos a marcha em direção à primeira cidade.

Ao anoitecer, entrámos numa estalagem afim de descansarmos. O ambiente era agradável. Fazia calor, graças à fogueira que ardia junto da chaminé. Conversávamos animadamente com outros hóspedes, quando, de repente, se ouve *tereté teté* — *tereté - - teté!*

Era a corneta que estava tocando sozinha. Que acontecera? Uma coisa muito simples.

Devido ao frio, quando o cocheiro soprara, o sopro se congelou dentro da corneta. Agora, devido ao calor, derretera-se e os sons saíam.

E como a corneta estava cheia de sopro congelado, durante meia hora tocou sem parar.

Foi êsse o final mais interessante de minha derradeira aventura em terra, pois, dessa ocasião em diante, passei a viajar pelo mar.

V

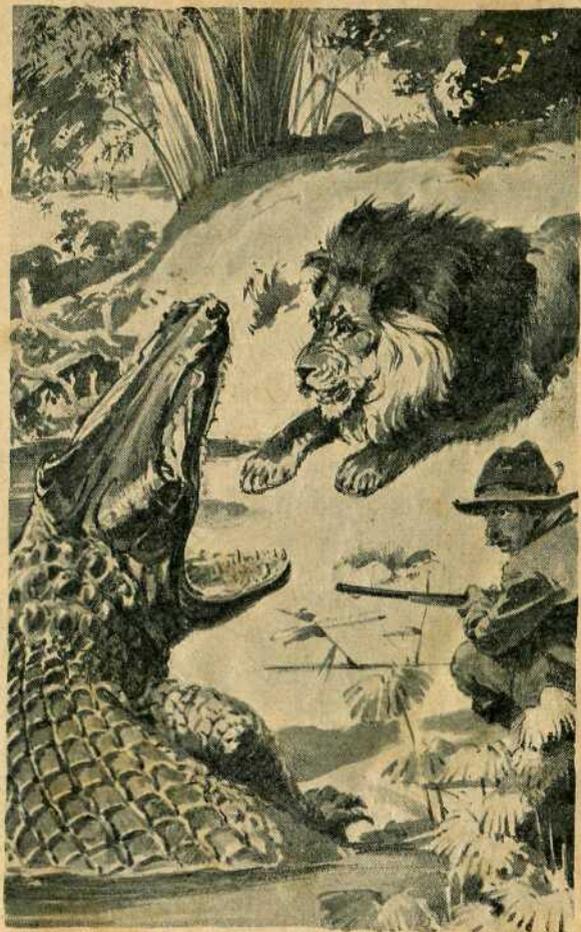
O mar exerceu sobre mim, desde bem cedo, uma grande atração. Meu pai viajara muito, percorrendo de navio quasi todo o mundo. E às noites, quando ventava frio nas ruas e a neve se amontoava nos telhados, êle costumava contar-nos as extraordinárias aventuras que lhe haviam acontecido em suas viagens. Daí, talvez, a minha grande inclinação pelas viagens por mar.

Por isso, quando terminaram as guerras entre a Rússia e a Turquia resolvi tornar-me marinheiro. Embarquei num navio que ia partir de Amsterdam, importante porto da Holanda, e que ia para Ceilão.

Durante as primeiras semanas, não

houve novidade. Mas depois de quarenta e poucos dias, estávamos numa ilha, quando soprou uma ventania tão forte que, se nos apanhasse em mar alto, viraria o navio. Tão furioso era o vento que arrancava as árvores, arrastando-as como se fossem penas. Passámos momentos terríveis! Mas qual não foi o nosso espanto, quando, passada a tempestade, víamos as árvores voltarem aos seus lugares! E' que elas, já estavam acostumadas. Ali ventava muito forte todas as semanas.

Nessa ilha fiz amizade com o filho do governador que, sabendo que eu gostava de caçadas, convidou-me para ir caçar com ele. Aceitei. Era um dia de muito calor. Por esse motivo, mal chegámos a um bosque, resolvi deitar-me à sombra de uma árvore, à margem de um rio que por ali passava, enquanto meu companheiro procurava a caça. Estava ali, havia alguns mi-



nutos, quando ouvi um barulho esquisito. Virei-me e quasi morri de susto. Nas minhas costas estava um leão enorme, preparando um salto sobre mim.

Procurei atirar-me ao rio. Mas, nesse momento, surgiu das águas um enorme crocodilo!

Nem tive tempo para refletir! Apon-tei a arma contra o leão que, furioso, se atirou sobre mim. Nesse momento escorreguei e quando erguí a cabeça vi, com satisfação imensa, que a fera fora cair na bôca do crocodilo.

Desembainhei o meu facão e, com êle, de um só golpe, decepei a cabeça do leão. Depois, com o cano da espingarda, empurrei-a pela bôca dentro do crocodilo que, sem poder respirar, morreu asfixiado.

Acabara de alcançar tamanha vitória, quando apareceu o filho do governador que ficou espantadíssimo. O cro-

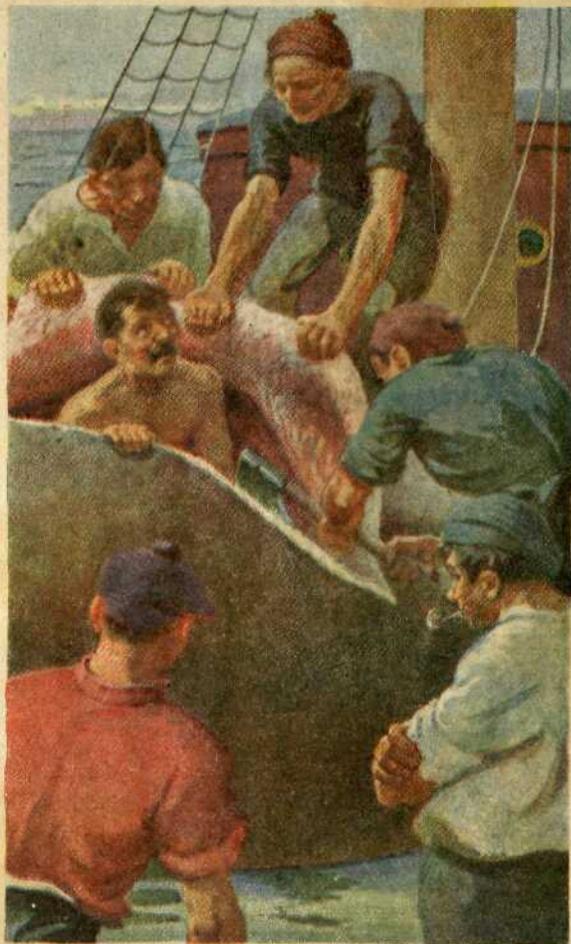
codilo media sete metros de comprimento e o leão tinha, sem exagero, mais de dois metros!

As peles das terríveis feras foram arrancadas e enviadas para Amsterdarn, em cujo museu ainda estão guardadas.

VI

Voltava dessa viagem, quando sofri um terrível acidente. Passou-se isso em Marselha. Era no verão e fazia muito calor. Resolvi, por isso, tomar um saboroso banho de mar. Despi a roupa e atirei-me à água.

Nadava havia alguns minutos, quando surgiu na minha frente um grande peixe, que avançou para mim em linha reta e com uma velocidade que não permitia fuga. Ante a impossibilidade de qualquer tentativa de salvação, preparei-me para morrer. Foi quando me sentí preso dentro da bôca do monstro que logo me enguliu. Uma escuridão tremenda me cercou. O estômago do monstro, porém, era enorme. E dessa forma resolvi passar dentro



dele o melhor possível. Comecei a passear, a dansar, a pular. Essa minha atividade devia fazê-lo sofrer muitíssimo, pois começou a urrar, erguendo o corpo fora da água.

Num desses saltos, um navio que passava perto, fisgou o monstro, e depois, levantou-o para bordo. Logo que o puseram sobre o convés, trataram de o abrir. Temendo que os marinheiros lhe cravassem alguma faca, comecei a gritar com toda a força. Meus gritos foram ouvidos, pois os homens abriram o estômago do monstro com grande cuidado. Saí vivo e lhes contei então, a minha aventura que provocou grandes e gostosas gargalhadas. E como estava imundo, atirei-me de novo à água, nadando em direção ao lugar onde deixara minhas vestes e que efetivamente ainda ali encontrei.

Mas não foi esta a mais extraordinária das minhas aventuras. Quando ainda estava na Turquia, país a cujo serviço estive, tendo sido apresentado pelos soberanos da Rússia, da Áustria e da França, fui uma vez incumbido de importante missão no Egito. Acompanhado de muitos criados, pus-me a caminho para a cidade do Cairo, que é a capital daquele país.

Havia dois dias que transpusera as portas de Constantinopla quando, nos arredores de uma cidade da Ásia Menor, vi um homem alto e magro, correndo em linha réta, pulando riachos e moitas, com enorme rapidez, embora tivesse em cada pé uma bola de chumbo com duas arrobas de peso.

Parei num ponto por onde aquele homem devia passar. E mal se aproximou, chamei-o em altas vozes, e indaguei porque motivo corria tão depressa e levava ainda duas enormes bolas de chumbo amarradas nas pernas.

E logo ele me explicou:

— E' que fui despedido à meia hora, por meu patrão que reside em Vienna, de onde venho. E como não preciso de toda a ligeireza de minhas pernas, e não sei andar devagar, resolvi prender estas bolas de chumbo nas pernas. Apesar disso, andei quinhentos quilômetros numa hora.

Uma tal preciosidade não era para perder-se. Logo convidei o homem para o meu serviço, proposta que êle aceitou, demonstrando grande alegria. Continuámos nossa viagem. Passámos por diversas cidades, transpusemos vários campos e serras. No vigésimo dia

de viagem, próximo da estrada, encontrei um homem deitado na grama, com o ouvido colado no chão, escutando.

Logo perguntei:

— Que é que você faz aí, nessa posição?

O homem ergueu-se assustado, mas depois, mais tranquilo, respondeu:

— Estou ouvindo meu pai cochichar lá em casa.

— Mas como é isso possível?

— Eu ouço ainda coisas mais impossíveis, como o bater do meio-dia nas torres de Berlim.

— Quer vir para o meu serviço?

— Sim disse êle.

Com muito contentamento o homem aceitou a proposta.

Segui para diante.

Não fizera ainda um quilómetro, quando, num morro que se erguia ao lado da estrada, vi um homem apontando a espingarda tão alto, como se quisesse atingir uma estrela. Admira-



do com o que via, dirigí-me a êle, perguntando;

— Para onde você está apontando? para o sol?

— Não, respondeu êle tranquilamente. Para alcançar grandes distâncias torna-se necessário apontar muito alto. E' êsse o motivo, pois daqui matei, não há cinco minutos, um passarinho que estava voando em Paris.

Procurei logo trazer para a minha companhia um tão espantoso caçador. Êle aceitou o convite e continuámos a andar.

Havíamos caminhado todo o santo dia quando, ao escurecer, encontrámos um homem forte, com uma corda na mão, amarrada a diversas árvores.

— Boas tardes, amigo, disse eu. Que é que você está fazendo com essa corda?

O homem olhou-me de esguelha, e respondeu:

— Esqueci o machado em casa e corno preciso de lenha vou derrubar estas árvores.

E com um só puxão arrancou dez cedros enormes.

Contratei-o logo para o meu serviço e dessa forma adicionei mais um prodígio à minha numerosa comitiva.

No dia seguinte entrámos nas terras do Egito, quando uma ventania

medonha quasi nos leva pelo ar. Olhámos assombrados para ver de onde vinha, o vento. Era um homem, que estava deitado, e que soprava por uma das ventas.

Ao reparar que aquele vento nos atrapalhava, o malandro levantou-se e tirou respeitosamente o chapéu. E logo a tempestade de vento parou.

Enchí-me de coragem e perguntei ao gigante:

-- Então que é isso? Você tem o demónio no corpo ou é o próprio demónio?

-- Nem uma coisa nem outra, respondeu êle com um sorriso amável.

Sou apenas o empregado do dono desses moinhos de vento que está vendendo alí. E como hoje não venta, fui encarregado pelo meu patrão de soprar para que os moinhos andem. Recendo derrubar os moinhos, soprava por um lado só do nariz.

-- Que homem preciosíssimo, pensei eu. E logo resolvi contratá-lo, o que êle aceitou com alegria.

Assim chegámos ao Cairo, onde cumprí a importante missão de que eu fôra encarregado. E passado um mês, como ali nada mais tivéssemos que fazer, embarcámos num navio que nos conduziu de volta a Constantinopla.

Nesta capital recebeu-me o sultão turco com mostras de grande estima, revelando-me grande amizade. Tanto assim que, embora a religião maometana proíba o uso do álcool, o sultão, às escondidas, resolveu celebrar o meu regresso, abrindo uma garrafa de vinho do Porto.

-- Meu excelente barão, disse-me êle. Vós, os cristãos, conheceis e sabeis apreciar os bons vinhos. Tenho aqui uma garrafa que é uma delícia.

E em seguida, encheu o meu copo e o dele. Trocámos os brindes e bebemos.

— Que tal? indagou, dando um estalo de entendido com a língua.

— Bom, respondi, mas há ainda melhor. Nas adegas do meu imperador, na cidade de Viena, existe vinho superior a êste.

— Prezado Münchhausen, disse o sultão, não quero duvidar de sua palavra. Mas acho isso impossível.

— Pois bem, se vossa majestade deseja, dentro de uma hora entregar-lheei uma garrafa das adegas reais de Viena.

— Você está caçoando, barão!

— De forma alguma, majestade. Quer fazer a aposta?

— Mas será possível, Miinchhausen? Daqui a Viena são mais de mil quilômetros. Corno pode você conseguir esse impossível?

— Eu sei como. Quer apostar?

— Pois bem, aposto. Se perder, mando-lhe cortar a cabeça. Mas, se ganhar,



deixarei levar tanto ouro quanto puder carregar dos rneus subterrâneos. E ainda poderá levar as pérolas, rubis e esmeraldas, que alí se encontram...

Aceitei as condições e estendí-lhe a mão que êle tocou com piedade, na certeza que me ia fazer matar.

Eu, porém, sem perder a calma, pedi tinta e papel e escrevi um bilhete

à imperatriz, que conhecia muito, pedindo-lhe para entregar uma garrafa do seu melhor vinho ao portador.

Eram três horas e cinco minutos. Fechei a carta e chamei o meu andarilho, que imediatamente, quando soube da incumbência que lhe ia confiar, desamarrou as bolas de ferro que lhe seguravam os passos. E partiu sem perda de tempo para Viena.

Sem temer o menor perigo, voltei a beber com o sultão. Passou-se meia hora, passou-se mais um quarto de hora e o andarilho não regressava. O relógio marcava já quatro horas menos cinco, e nenhuma notícia. Faltavam apenas dez minutos para que eu perdesse a aposta e a cabeça. Um tremor nervoso e uma angústia mortal me percorreram o corpo. Mas não desesperei de todo. Mandeï chamar o escutador e o caçador que trouxera de

minha viagem ao Egito e mandei o primeiro escutar para saber se ouvia os passos do andarilho. Ele colou o ouvido ao chão e, em seguida, informou-me que o patife estava dormindo profundamente, roncando alto.

Ao ouvir esta informação o meu caçador, pôs-se nas pontas dos pés para melhor olhar. Depois, colocando a mão sobre os olhos para os proteger dos raios do sol, disse-me:

— Vejo-o dormindo, junto de Belgrado, tendo ao lado uma garrafa. Espere um momento que vou acordá-lo já.

E metendo a arma à cara disparou um tiro que foi bater nas folhas das árvores que caíram, provocando grande ruído. O dorminhoco ergueu-se, então, sobressaltado, e temendo ter dormido demais, pôs-se a caminho com tal rapidez que logo alcançou o lugar

onde nos encontrávamos. Corri para o aposento onde se encontrava o sultão. Faltava apenas um minuto para as quatro horas e cinco, quando lhe entreguei, em suas régias mãos, a garrafa do vinho precioso que êle logo abriu, saboreando um trago.

No rosto do sultão alastrou uma alegria imensa.

— Bom vinho! Excelente vinho! exclamou.

E voltando-se para mim, continuou:

— Münchhausen, você não leve a mal, mas eu vou reservar esta garrafa só para mim.

Tirou, em seguida, a chave de ouro de um armário, e apressou-se em escondê-la.

— Está certo, majestade, retorqui. Cabe-me agora receber o que ganhei com a aposta.

O sultão mandou, então, chamar o

tesoureiro, ao qual ordenou que abrisse os seus subterrâneos e me deixasse carregar todo o ouro e pedras preciosas que eu pudesse levar.

O tesoureiro inclinou-se respeitosa e convidou-me a segui-lo. Fiz logo vir à minha presença o homem da força, que arrancava as árvores como se fossem hortaliças. Ele trouxe consigo um saco enorme, onde despejou todo o ouro e pedrarias dos cofres. Os subterrâneos ficaram limpos, enquanto o tesoureiro, apavorado com o que vira ia prevenir o sultão.

Prevendo o que iria acontecer, seguido de meus homens, corri para o porto, onde fretei a maior embarcação que ali se encontrava. Mande logo levantar as âncoras e tocar para o mar alto.

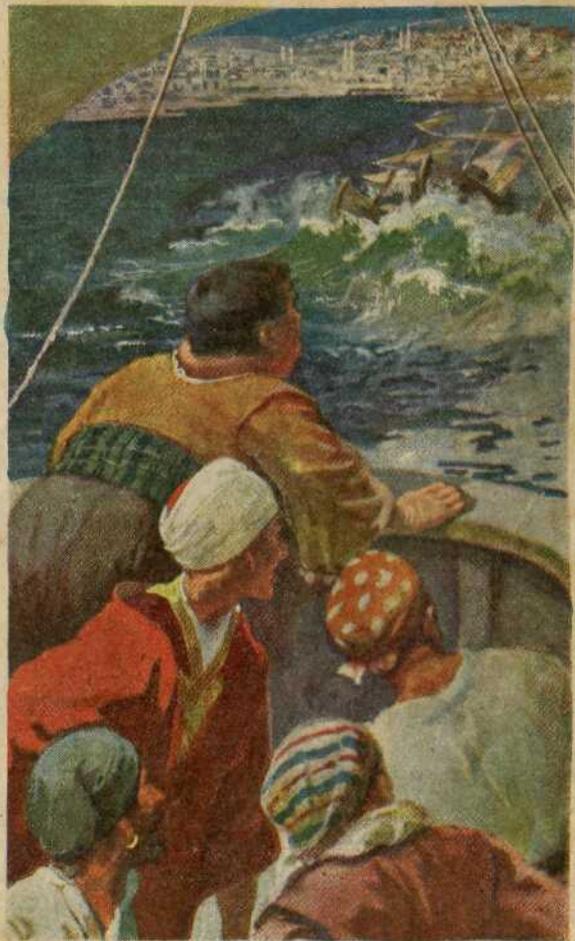
O que receava veio realmente a acontecer. O sultão, prevenido de que

o seu tesouro desaparecera, mandou que a esquadra de guerra se movimentasse e saísse em minha perseguição.

Não tínhamos ainda perdido a terra de vista, quando apareceu um número enorme de navios.

Mas eu tinha comigo o homem dos ventos, que soltava pelo nariz verdadeiros furacões. Chegara a vez de aproveitar os seus serviços. E ele, compreendendo o perigo, foi postar-se à popa do barco, começando a soprar para trás, com tal violência que os navios do sultão principiaram a recuar, indo bater uns contra os outros, regressando, afinal ao porto com os mastros quebrados, velas rasgadas e cabos partidos.

De vez em quando, o homem dos ventos dava um sopro pequeno nas nossas velas. E logo o nosso navio caminhava com tal rapidez que qua-



si ameaçava afundar. Dessa forma conseguimos atingir as costas da Itália ao anoitecer.

Foi essa uma das minhas últimas aventuras. Mas além dessas tive muitas outras mais, igualmente verídicas e impressionantes, duas das quais contarei. Não são tão interessantes, mas foram para mim mais perigosas.

VIII

Uma vez, quando estava na Inglaterra, fui a um pôrto próximo de Londres, para cuidar de um embarque de numerosos objetos com que pretendia presentear os numerosos amigos que tenho em Hamburgo.

Durante o dia todo não tive descanso. E, de tarde, quando voltei para Londres, sentia-me muito cansado. O sol estava ainda alto. E como era no verão, fazia um calor insuportável. Decidi, por isso, descansar um pouco e comecei a procurar um lugar que me abrigasse do sol. Foi quando passei junto de uma fortaleza que escancarava a boca de um enorme canhão.

Dentro fazia uma sombra deliciosa. Resolvi meter-me pelo canhão a den-

tro, e esperar que a temperatura baixasse.

Como estava muito cansado, logo adormeci. Ora, nesse dia, comemorava-se o aniversário do rei Jorge III e, às quatro horas, todas as peças das fortalezas deviam fazer fogo, salvando o nascimento do soberano inglês. Estavam, por êsse motivo, todas as bocas de fogo carregadas. Quando che-



gou a hora da salva de artilharia, os artilheiros cumpriram o seu dever. O canhão onde eu estava foi disparado, e eu fui projetado, como uma bala por cima de vários bairros, indo cair num campo, muito distante. Felizmente, caí num monte de palha onde fiquei enterrado até à cabeça. E ali perdi os sentidos.

Só despertei três meses mais tarde, quando o lavrador vendeu aquela palha e o comprador começou a retirá-la afim de a conduzir para sua casa.

Um ano depois partí para o Pólo Norte, em companhia de um amigo, que já ali tinha estado em viagem de exploração. Saímos num belo navio e, durante o trajeto, tudo correu bem. Assim atingimos as regiões geladas quando, um dia, decidi descer sobre um banco de gelo, acompanhado, apenas, de minha excelente espingarda e minha indefectível faca de mato.

Tinha subido ao alto de uma montanha de neve, quando escorreguei, levando um tombo que me fez perder os sentidos. Ao voltar a mim, senti-me arrastado pelo gêlo e, com imenso espanto e pavor, vi que era um urso que me carregava, levando-me preso pelo meu cinturão. Que fazer? Sem perder o *sangue-frio*, pois o termómetro marcava muitos graus abaixo de zero, tirei a faca de mato da bainha. Agarrei, em seguida, na pata esquerda do urso e cortei-lhe os dedos. O animal começou a uivar e largou-me. Corri, então, para junto da minha espingarda e fiz fogo sobre a fera, matando-a de um só tiro.

Mas, alarmados pelo estampido, dezenas de ursos corriam para o local, dominados pelo furor. Estava perdido! Tive, porém, uma ideia genial. Em menos tempo que um caçador perito esfolava uma lebre, tirei a pele do urso que



matara e metí-me dentro dela. Quando as feras chegaram encontraram-me feito urso, pulando e uivando muito melhor que êles. A semelhança era completa e os ursos tomaram-me por um colega. Cheiraram-me longo tempo e soltaram grunhidos de satisfação.

Fiquei radiante. Impunha-se, porém, sair dali. Lembrei-me que ouvira de um cirurgião militar que um golpe na

espinha dorsal produz a morte imediata. Resolvi experimentar isso com as feras. Empunhando a minha faca de mato, aproximei-me do urso mais próximo, vibrando-lhe um golpe rápido na nuca. O bruto tombou morto. Encontrara o meio de fugir. E, a um por um, fui-lhes cravando a faca no pescoço, bem na nuca. Eles caíram mortos sem que os outros desconfiassem da causa. Assim matei cinquenta e cinco feras.

Quando vi todos os ursos mortos, voltei ao navio e pedi ao comandante que enviasse comigo metade da tripulação. Não lhe quis dizer para o que era, pois pretendia assombrá-lo com o resultado de minha caçada. Ele aceitou e levei comigo vinte homens que logo esfolaram as feras, das quais aproveitámos as pernas traseiras para delas fazermos presuntos.

Quando regressei ao navio com os

resultados daquela caçada o comandante ficou assombrado.

E mais espantado se mostrou, quando lhe contei a maneira pela qual tinha conseguido aquilo.

Decidimos logo regressar à Inglaterra. Dois meses depois entrámos em Londres e enviei de presente a vários amigos meus aquelas peles de ursos. Ficaram encantados. E durante vários meses, nos clubes londrinos, não se falou senão de minha espantosa caçada.

Verdade se diga que isso causou muita inveja. Até o comandante do navio não pôde ocultar seu despeito, sobretudo, quando soube que a rainha, que ficara viúva recentemente, me mandara propor para partilhar com ela do trono. Como nunca fui ambicioso, não aceitei a proposta.

O capitão do navio é que sofreu muito com a minha aventura, pois começaram a dizer que ele não se adiantara

tanto pelas regiões polares quanto havia podido. Nesse ponto defendo o audaz marinheiro, pois as pernas dos ursos pesavam tanto que o navio dificilmente avançaria entre os gelos.

Os que não sabiam desse pormenor tentaram ridicularizar-nos, chamando à nossa expedição a «viagem das peles» e de mim diziam que era o homem que estava habituado a «fazer figura de urso».

No começo eu me zangava. Mas, depois, ria-me também...